

**Docência Da Educação Básica:
Reflexões Sobre a Feminização Presente Na Profissão**

Teaching in Primary Education:
Reflecting About Feminization in the Profession

Tatiane Peres Zawaski¹
Patrícia Kayser Vargas Mangan²

Resumo: Reflexões sobre a baixa presença masculina nas instituições de educação básica se fazem necessárias na atualidade. A partir de inquietações presentes desde a seleção do Doutorado, assim como de análises dos ambientes escolares que passei nessa caminhada de dez anos na educação, constituíram uma trajetória de questionamentos em busca dos “porquês” a presença masculina é, em sua totalidade, uma parcela muito pequena quanto atuantes na docência. Dessa forma, o objetivo deste estudo é investigar o número de educadores do sexo masculino que atuam na rede municipal de ensino, de uma cidade da região metropolitana, refletindo sobre a construção da identidade de gênero desta profissão no município. A partir de uma pesquisa de cunho quantitativo, analisando o número de educadores que atuam na educação básica, são tecidas reflexões, a partir do percurso histórico da profissão professor, assim como a construção identitária da docência e as relações de gênero. Os dados analisados demonstram a feminização do magistério, cunhada, muitas vezes, em estereótipos e relações de preconceitos das quais são necessárias o rompimento de estigmas e da imagem de gênero presentes em quaisquer profissões.

Palavras-chave: Feminização; Gênero; Docência; Educação.

Abstract: Reflections on the low male presence in basic education institutions are necessary today. Based on concerns observed since the selection process of the Doctorate, as well as analyzes of the school environments where I have been in the last ten years in education, a number of questions was raised in search of the “why” the male presence is, in its entirety, very small in teaching. Thus, the aim of this study is to investigate the number of male educators who work in the municipal school system, in a city in the metropolitan region, reflecting on the construction of the gender identity of this profession in the municipality. Based on a quantitative research, analyzing the number of educators working in basic education, reflections are made from the historical path of the teaching profession, as well as the identity construction of teaching and gender relations. The analyzed data demonstrate the feminization of the teaching

¹Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais – UNILASALLE, Bolsista da CAPES/PROSUP, Mestra em Educação (Unilasalle), Graduada em Pedagogia (ULBRA) e Letras (Unilasalle). – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2272-9671> E-mail: tatianeperes.zawaski@gmail.com

²Professora do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais/UNILASALLE. – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9929-8887> - E-mail: patricia.mangan@unilasalle.edu.br

profession, often coined in stereotypes and prejudice relations, which are necessary to break the stigma and gender image present in any profession.

Keywords: Feminization; Genre; Teaching; Education.

1 Introdução

Trazemos para reflexão um estudo inerente ao gênero na docência da educação básica, tendo como foco a presença masculina nas práticas docentes, dentro dos espaços educacionais. A referida pesquisa parte de algumas inquietações das pesquisadoras, a partir da análise de que em muitas instituições escolares se percebe um reduzido número de professores do gênero masculino em atuação. Durante a seleção de Doutorado, ao expor o projeto de pesquisa, o tema também se perpetuou, a partir do questionamento da banca do porquê se falava em “professoras” e não “professores” no projeto, fator que também contribuiu para este artigo.

Atenta-se ao fato de que em determinadas áreas, como educação infantil e anos iniciais, a presença masculina ainda é concebida com preconceitos, estigmas e desvalorização, já que, segundo o senso comum, ela é uma profissão feminina, caracterizada por formas de cuidados maternos não atribuídas ao gênero oposto. Constata-se que questões de gênero nas profissões são temas comuns, já que a cultura parece determinar a presença masculina ou feminina em determinados locais, atribuindo papéis sociais pelo sexo da pessoa.

O objetivo deste estudo é investigar o número de educadores do sexo masculino que atuam na rede municipal de ensino, de uma cidade da região metropolitana, refletindo sobre a construção da identidade de gênero desta profissão no município. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho quantitativo junto à Secretaria Municipal de Educação, a fim de fazer um levantamento de dados. Na sequência, traremos algumas reflexões a partir do percurso histórico da profissão professor, assim como a construção identitária da docência e as relações de gênero. Por fim, faremos uma análise dos dados obtidos a partir de referenciais teóricos sobre o tema.

2 Profissão professor(a): um breve percurso histórico da carreira

Para Nóvoa (1999), a segunda metade do século XVIII foi um período importante para a história da educação e da formação de professores. Para o autor, a Europa tenta esboçar um

perfil ideal deste profissional, atentando-se às questões de cunho religioso, integração com os demais, nomeação/indicação, autoridade e salário. Até então, a educação era ministrada por religiosos e, posteriormente, iniciava uma caminhada de formação de leigos para assumir a docência.

Segundo Nóvoa (1999), a docência era uma ocupação secundária, ou seja, os ditos professores não tinham formação específica para atuação, pois eram trabalhadores das mais diversas áreas e seus saberes eram constituídos por normatizações e valores específicos da profissão, elaborados pelos religiosos. Neste tempo, os professores, na maioria homens, foram tendo presença cada vez mais ativa no terreno educacional, de forma que foram aperfeiçoando didáticas e métodos de ensino, tornando-se especialistas na área educacional e visando a formação das crianças para o trabalho.

A partir desta perspectiva, a profissão docente foi tornando-se a ocupação principal dos educadores, de forma que eles se dedicavam apenas ao magistério e, não mais a outras atuações. Com a intervenção do estado, o enquadramento instituiu os professores como profissão e não mais com a concepção corporativa de ofício, instituindo-os como profissionais da educação.

Neste tempo, segundo Nóvoa (1999), outras preocupações assolaram os estados, sendo que até então não haviam sido traçadas regras para a contratação e nomeação destes profissionais. O final do século XVIII é marcado pela necessidade de uma autorização do estado para lecionar, sendo necessária a realização de um exame, onde se analisava o preenchimento de condições para o exercício da profissão.

Esta licença, ou autorização, fixa um momento decisivo da atividade docente, principalmente no que tange ao perfil deste profissional, já que eram analisadas suas habilidades, questões éticas, idade e percurso de atuação profissional. Para Nóvoa (1999), além de agentes sociais, os professores eram agentes políticos, estando vinculados a uma intencionalidade política estatal. A profissão docente, nesta época, era exclusiva do gênero masculino, como bem destaca Lima e Alexandrino (2012):

As Escolas Normais surgiram logo após a promulgação do Ato Institucional de 1834, com a responsabilidade pela preparação adequada dos professores e pela correta aplicação dos métodos de ensino. Chama a atenção o fato de, inicialmente, ser proibida a admissão de mulheres (Lima; Alexandrino, 2012, p. 708).

Como podemos perceber, essa profissão estava ligada a uma questão de gênero, tendo como principais atuantes homens, ligados a um movimento político. Porém, em virtude da pouca atratividade salarial e a desvalorização que permeia na atualidade, foi sendo configurado um terreno mais apropriado para as mulheres, na concepção de Lima e Alexandrino (2012), já que ao frequentar uma Escola Normal, as mulheres estariam sendo preparadas para o casamento.

A Lei 5692/71 altera o ensino para primeiro grau, de oito anos, tendo um ensino secundarista responsável pela profissionalização. Aqui temos o surgimento do termo “Habilitação para o Magistério”, tornando-o um curso de nível médio, em que a maioria dos frequentadores era de mulheres.

Na sequência, tivemos o início dos cursos de Bacharel em Pedagogia, responsáveis pela formação de “técnicos educacionais”. O curso não habilitava para níveis de ensino, porém, com um significativo número de procura por ele, muitas universidades públicas e privadas foram inserindo-os em seus cursos, o que possibilitou o reconhecimento de uma área específica, consolidando, assim, a profissão docente.

Para Nóvoa (1999), a segunda metade do século XIX foi essencial para o entendimento da ambiguidade do estatuto docente. Havia uma imagem docente que perpassava por uma diversidade de situações, das quais ele destaca:

[...] não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem o seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; [...]
(Nóvoa 1999, p. 18)

Toda essa gama diversificada de atributos contribui para a feminização do professorado, segundo Nóvoa (1999), já que na virada do século percebemos o dilema instaurado entre imagens “feminina” e “masculina” na profissão. Para Ribeiro (1990 apud Lima e Alexandrino, 2012), as mulheres tinham uma maior facilidade para o exercício da profissão, já que com o início da conquista de sua independência, elas poderiam se mudar de cidades e atender outras escolas, situadas distantes de seu local de origem.

Nesse sentido, a transição do século XIX para o XX é marcada por um momento peculiar, mas decisivo, quanto à profissão docente. Segundo Nóvoa (1999), as imagens femininas começaram a aparecer neste cenário, indicando uma mudança quanto à profissionalização

docente. Contudo, mesmo tendo a expansão do ensino, a partir do século XX, a ascensão das mulheres foi um fator difícil de ser considerado, de acordo com Lima e Alexandrino (2012). Segundo os autores, o magistério poderia ser essencialmente feminino, mas permanecia subordinado aos mandos masculinos.

Nos dados acima, fica perceptível que no percurso da constituição da profissão docente as questões ligadas ao gênero se perpetuaram, de forma que a docência iniciou como uma atividade exclusivamente masculina; após, é perpassada às mulheres, que, em virtude de cuidados e também da facilidade de troca de região, iniciam sua trajetória, mas os mandos permaneciam sendo dos homens. A feminização da carreira iniciou sua ligação com a maior presença destas no curso Normal, porém, a desvalorização da profissão certamente tem muito a contribuir para que não chamasse a atenção dos homens, já que esses tinham o sustento das famílias.

Ainda assim, dizer que a profissão é mais feminina que masculina é uma forma de estar levantando bandeiras de preconceito ou estigmatizando uma profissão como qualquer outra. Na sequência, refletiremos sobre a identidade docente, na perspectiva de gênero.

3 Identidade docente: a presença do gênero masculino na profissão

A atuação do magistério, na atualidade, gira em torno de vozes femininas, fator de grande visibilidade nas instituições da educação básica, principalmente no ensino fundamental. O mundo educacional se perpetua nesta feminização, já que, segundo Rabelo (2013), a escolha profissional dá-se a partir da premissa de que há indivíduos específicos para ofícios também específicos. Além do mais, a autora atenta que o problema está relacionado com referências de classe, gênero, raça e muitas outras divisões sociais.

As mudanças que foram delimitando a profissão docente, enquanto uma atividade feminina, iniciam-se a partir de transformações e conquistas, oriundas da desestabilização do papel da mulher e do homem na sociedade. Ainda assim, Rabelo destaca:

Ao mesmo tempo em que os homens se distanciam do magistério, as prescrições sobre a maneira de educar são baseadas em um modelo masculino de determinações, porque o controle em geral sempre esteve nas mãos dos homens, ou seja, eles sempre estiveram mais nos órgãos de administração e de gestão de todas as áreas, inclusive na educacional muitos autores destacaram/destacam essa preponderância (Rabelo, 2013, p. 217)

Percebe-se que a administração e o controle, mesmo de ambientes escolares, permeiam vozes masculinas, o que nos mostra contraditória a assertiva de que a sociedade passou por transformações ao longo da passagem dos séculos. Contudo, muitos pesquisadores afirmam que as competências necessárias para ensinar as crianças são das mulheres, fator que para Rebelo (2013) diminuiu a participação da presença masculina, inclusive nos cargos de gestão.

Cunha (2012) considera a docência como profissão masculina até os anos finais do século XIX, tendo em vista que na época impedimentos formais tornavam impraticáveis a educação de mulheres por homens. Com isso, a necessidade de professoras para regência da classe feminina vai dando à docência outro caráter e o fenômeno de feminização no Brasil foi ganhando cada vez mais força, aliados, ainda, aos fatores já mencionados anteriormente.

Segundo Almeida (1998), essa passagem de gênero (masculino para o feminino) foi contribuinte para a desvalorização da profissão que já vinha com problemas nesta instância, uma vez que, para os homens, o acesso ao trabalho era uma questão de sobrevivência e, mesmo o magistério sendo um emprego digno, em virtude dos baixos salários, era pouco adequado. Além do mais, estudiosos das primeiras décadas do século XX, como Marília Pinto de Carvalho (1998) iniciaram um discurso associando características femininas ao ensino primário, fator que acaba distanciando ainda mais os homens da docência.

Discorremos, assim, para a construção identitária da profissão docente que, em meio a esse distanciamento masculino começa uma caminhada feminina, constituindo-se, por meio de muitos fatores, uma profissão feminista ancorada em muitos estereótipos, dos quais não há comprovação, mas em razão do senso comum, vão ganhando cada vez mais força, em meio a um discurso vago e carregado de preconceitos. Dessa forma,

Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas em corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas as funções tidas como masculinas (Vianna 2001-02, p. 93)

Para essa constituição identitária, Zawaski (2019) atenta para a identidade a partir do conceito de identificação (Hall, 2015), muito viável para essa discussão, já que os seres vão sendo identificados pelos papéis que exercem na sociedade, fator muito profícuo para o entendimento do magistério como profissão feminina em meio aos relatos tecidos anteriormente. Ainda assim,

cabe lembrarmos de que as identidades são mutáveis, conforme bem delimitado por Hall (2015), já que, ao longo da caminhada, os seres vão se transformando e, mesmo que ainda não tenhamos um expressivo número de docentes masculinos na profissão, não se pode considerá-la estritamente como profissão feminina, já que as profissões não possuem gênero, mas vão se constituindo a partir de seres com gêneros.

4 As relações de gênero na profissão

Quando se pensa em atuação profissional, muitas vezes, vem à mente as pessoas que atuam nesta determinada atividade. É comum ouvirmos discursos de que determinada profissão tem características mais masculinas de que femininas, ou vice-versa. Quando nos remetemos à docência, segundo Sciotti, Perez e Bellido (2016), a imagem internalizada, em sua maioria, é feminina. Geralmente, é feita uma associação da figura de uma mulher, o que vincula um processo de feminização do magistério, porém, mesmo que as mulheres sejam a grande maioria, não é certo caracterizarmos as profissões por gêneros específicos, já que as escolhas vêm de um processo de afinidade ou vocação.

Ao longo da história, a imagem do profissional vai sendo construída e reforçada pela sociedade em geral. Esse reforço de estereótipos inibe, muitas vezes, a reconstrução de características profissionais, que atentem a entrada de homens no magistério, ou de mulheres em profissões ditas masculinas. Na visão de Ruis e Perez (2017), os estereótipos feminino e masculino são reforçados pela escola, fatores que, segundo elas, corroboram para perpetuação do preconceito e do sexismo.

Sobre o processo de escolha, Rabelo (2013) discorre sobre o fato de que os homens, muitas vezes, têm a escolha da profissão docente em uma fase mais tardia e, geralmente, associada com a relação com o conhecimento que se estabelece na Universidade. Diferentemente, temos as mulheres que, para a pesquisadora, tendem a fazer a escolha por “gostar de crianças” ou pela “vocação”, justificativa, muitas vezes, dadas quando questionadas sobre sua atuação.

Na concepção de Santos (2015), o cenário educacional e social, muitas vezes, contribui para a exclusão da figura masculina na docência da educação básica com justificativas diversas, das quais ele cita: mulheres com cuidados maiores de que homens, pedofilia ligada à figura masculina e pais resistentes à figura masculina em sala de aula. Essas justificativas compõem um

cenário excludente e preconceituoso, no qual a figura masculina ou feminina tem uma maior importância de que a qualificação profissional.

Santos (2015) ainda destaca que os homens são generalizados pelos discursos femininos, gerando ocultamento, a invisibilidade e a discriminação, mesmo que essas venham de um modo sutil. Nessa perspectiva, Rabelo nos faz refletir:

Ambos são responsáveis pela mudança e pela igualdade de gênero: tanto as mulheres que lutam pelo término de sua subalternização na sociedade, quanto os homens que não reproduzem o papel de dominante e subvertem, de alguma forma, esses valores. No entanto, em geral, ambos assumem modelos de comportamento que lhes são socialmente impostos como se fossem naturais, partilhando pressu-postos e contribuindo para acentuar a diferença de gênero. A masculinidade e a feminilidade são construídas na interação entre os sexos. Se ambos partilham os estereótipos e contribuem para a desigualdade tanto reprimindo quanto construindo modos de ser, se cada um contém o sexo oposto, é possível questionar as regras que tentam fixar o masculino e o feminino a partir dessa construção do ser, indagando sobre as relações de poder que os formulam (Rabelo 2013, p.223).

Para Connell e Pearse (2015), há mulheres masculinas e homens femininos, entendendo que o desenvolvimento da identidade resulta de uma mistura das quais são utilizados termos de cunho pejorativo. Na construção dessa identidade, as autoras pontuam a ideia de pertencimento, sendo desenvolvidas e detalhadas ao longo do crescimento/formação. Ainda assim, elas muito bem destacam que nos transformamos em homens e mulheres nessa caminhada, já que não nascemos com esse gênero, mas vamos nos tornando a partir desse gênero.

Nessa caminhada profissional, percebem-se desigualdades e muitas resistências, seja na aceitação do gênero em determinadas profissões, seja na ocupação dos cargos provenientes a homens ou mulheres. Connell e Pearse (2015) apontam que os homens continuam sendo a grande maioria dos executivos, profissionais de alto escalão ou com cargos políticos, fatores que podem nos remeter à própria escolha destes quanto à docência.

Em pleno século XXI, percebe-se que a identidade de gênero é predominante na escolha das profissões, condicionando as pessoas a buscarem cargos para homens ou mulheres. Cabe a reflexão de que não há identidades para as profissões, mas imposições advindas de uma cultura a partir dessas profissões ou de cargos de maiores/menores prestígios que acabam conduzindo as escolhas.

As profissões ainda demarcam a diferenciação de salários bem significativos entre os gêneros, pois há pesquisas que atentam para a diferença salarial entre gênero, onde os homens

recebem aproximadamente duas vezes o salário em comparação com as mulheres. Nessa perspectiva, a mudança necessita ser apoiada por ambos, homens e mulheres, em luta pela discriminação e o preconceito existente nas relações de gênero nas profissões.

5 Metodologia

O material que compõe o corpus da pesquisa é constituído por uma pesquisa quantitativa participativa. Foi realizado um levantamento padronizado, por meio de questionário digital (Flick 2013). O objetivo de ser escolhida esta metodologia de pesquisa foi o fácil acesso ao levantamento de dados, neste período de isolamento social, uma vez que, como aponta Flick (2013), por meio dos questionários podemos fazer um estudo comparativo que atendam aos objetivos deste estudo.

A pesquisa foi aplicada junto à Secretaria Municipal de Educação do município de Esteio, com vistas a uma investigação quantitativa, quanto à busca do número de docentes do sexo masculino e feminino atuantes na educação básica fundamental, nos anos iniciais e finais desta modalidade. Sendo assim, o objetivo deste estudo é investigar o número de educadores do sexo masculino que atuam na rede municipal de ensino, de uma cidade da região metropolitana, refletindo sobre a construção da identidade de gênero desta profissão no município.

A presente pesquisa compreende uma análise dos dados coletados, a partir do referencial bibliográfico inerente ao tema. Após o processo de geração dos dados, analisamos os resultados obtidos, a fim de verificá-los a partir do objetivo deste estudo. Abordaremos, a seguir, a análise deles, por meio de gráficos, a fim que sejam visualizados, de forma mais efetiva os resultados desta pesquisa.

6 Análise dos resultados e reflexões sobre o tema

Tendo como objetivo investigar o número de educadores do sexo masculino que atuam no ensino fundamental, na rede municipal de ensino, de uma cidade da região metropolitana, propomos uma reflexão sobre a construção da identidade de gênero desta profissão neste município. O levantamento de dados ocorreu a partir de uma pesquisa junto à Secretaria Municipal de Educação, do município de Esteio, cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

De acordo com o último censo, o município conta com 83.202 habitantes, em uma área de 27,7 Km². Conforme dados da Secretaria Municipal de Educação, o município conta com nove escolas de Educação Infantil, vinte escolas de Ensino Fundamental, atendendo do primeiro ao nono ano e uma escola de Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, a área educacional conta com quinhentos e noventa e sete (597) educadores, distribuídos nos anos iniciais do Ensino Fundamental e nos Anos Finais.

Abaixo, segue o gráfico demonstrativo de docência nos anos iniciais e finais, a partir da divisão por gênero na atuação em toda a Secretaria de Educação do município.

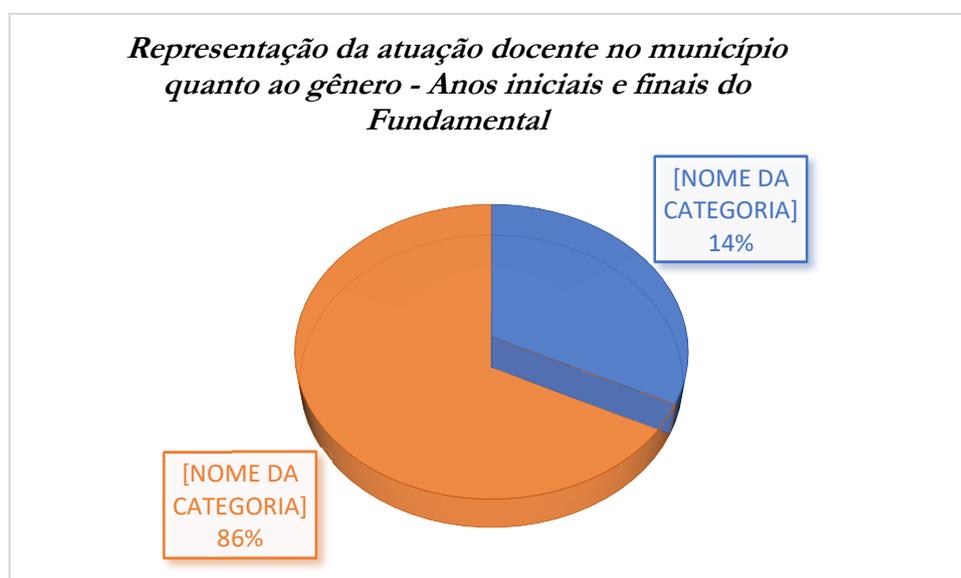


Gráfico 1 - Representação de dados da atuação docente no ensino fundamental municipal. Fonte: Autoria própria

Percebemos, a partir dos dados representados no gráfico acima, que em toda a educação básica fundamental há a presença masculina de apenas catorze por cento, sendo que oitenta e seis por cento dos docentes são do gênero feminino. Com isso, constatamos que a feminização se faz presente no município, já que a história da profissão com seu caráter maternal e de cuidado pode ser percebida com os dados apresentados.

Sciotti, Perez e Bellido (2016) nos possibilitam entender essa perspectiva, a partir da imagem profissional, a que elas remetem sendo reforçadas pela mulher, enquanto possuidora de dons naturais, como sua passividade, docilidade e os modos de tratamento dos educandos. Porém, cabe lembrar que os indivíduos são frutos de construções sociais, de modo que essa

figura de “professora” foi reforçada e se perpetua até os dias atuais pelo contexto e pela cultura da profissão.

A presença feminina nos anos iniciais do ensino fundamental ainda é muito mais significativa, já que nessa modalidade se tem a unidocência, ou seja, um professor único que ministra todas as disciplinas, com formação, geralmente, em Pedagogia, como demonstrado no gráfico 2.

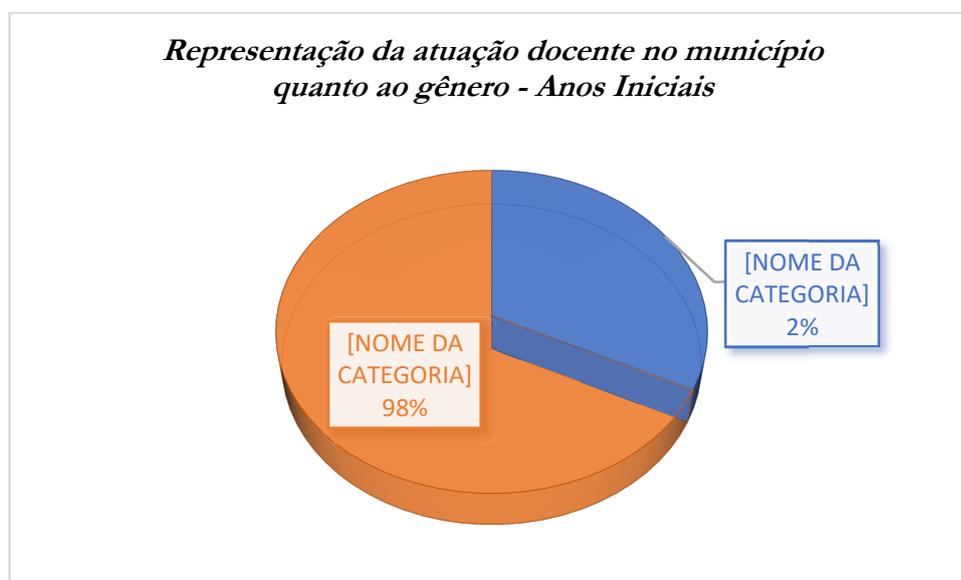


Gráfico 2 - Representação de dados da atuação docente nos anos iniciais. Fonte: Autoria própria

Analisando os anos iniciais, comprova-se uma significativa redução da presença masculina na atuação docente, sendo que apenas dois por cento dos educadores são do gênero masculino. Percebe-se ainda mais as vozes femininas perpetuando neste contexto, fazendo-se valer a escolha pela “vocação” ou “dom”, já mencionadas anteriormente neste estudo.

Outro fator que podemos caracterizar por essa presença é a escola como extensão do lar, pontuado por Sciotti, Perez e Bellido (2016). Ao considerarmos que a educação está estritamente ligada às tarefas femininas, este nível educacional foi/vai se configurando ainda mais como um campo predominantemente de mulheres, como atenuam as autoras. Contudo, quanto mais essa caracterização foi evidenciada, maior será a ligação do magistério com a exclusão do gênero masculino e, quando o gênero oposto ingressar nesta modalidade, haverá a presença de estranhamento por parte da sociedade que alia a profissão a uma imagem feminina e que se comprova nesses dados.

O número de docentes do gênero masculino nos anos finais do ensino fundamental é um pouco maior, ainda assim, não equivale a um percentual muito alto. Atenta-se aqui para a modalidade de áreas em que se percebe um número maior de professores, como em alguns componentes específicos, como a Educação Física, História, Matemática e Ciências. Neste estudo, não nos detivemos pela busca da presença dos professores por componente, apenas em fazermos uma análise a partir do número de educadores masculinos em exercício. Abaixo, segue o gráfico demonstrativo nos anos finais do ensino fundamental.

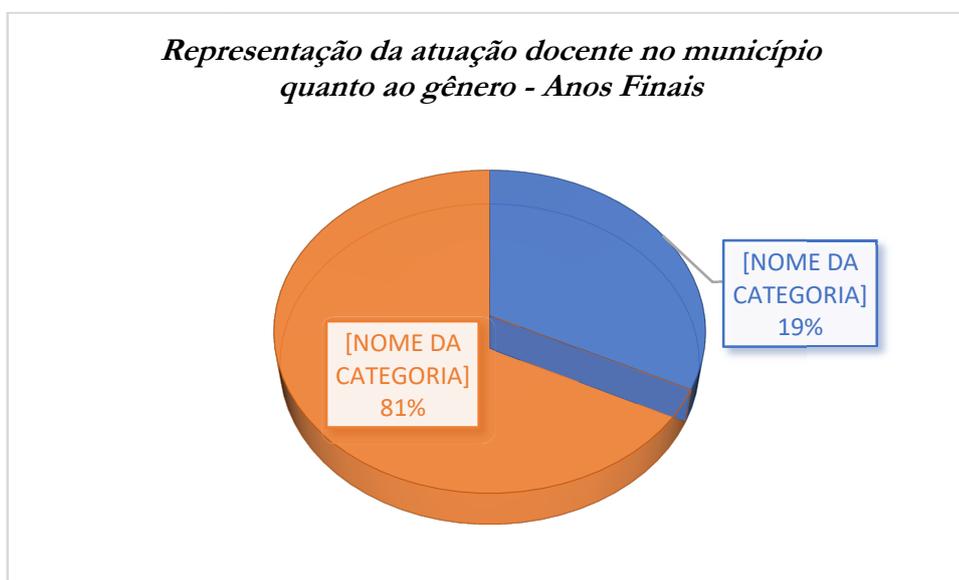


Gráfico 3 - Representação de dados da atuação docente nos anos finais. Fonte: Autoria própria

Constatamos aqui com dezessete por cento a mais, em relação a presença masculina nos anos iniciais. Como dito acima, a divisão do ensino por áreas de conhecimento, certamente tende a ser um dos fatores deste aumento, já que há disciplinas específicas em que percebemos uma maior presença masculina, enquanto especialistas de suas áreas. Contudo, mais uma vez percebemos a feminização e a presença dessas vozes femininas em um número mais elevado de que os homens.

Vianna (2001/02) retrata a hegemonia de um discurso que associa a profissão docente ao gênero feminino, enquanto aspecto cultural, ligando à docência à maternidade, porém, essas imagens de gênero dentro das profissões são construídas a partir de significados sociais de masculinidade e feminilidade junto a expectativas sociais criadas no curso dos anos. Outros fatores também podem estar associados à baixa escolha da docência por homens, como bem

destacam Silva e Issler (2015), que remetem aos questionamentos sem fundamento e às suspeitas sobre a masculinidade.

Estudos sobre o gênero na docência tendem a ser um caminho profícuo de pesquisas. Porém, é necessário dar a voz a esses homens, possibilitando reflexões que mostrem a docência sem um gênero específico, mas como uma profissão de escolhas, que aceita todos, sem distinções, rotulações ou julgamentos, afinal, pouco se sabe sobre indagações dos motivos que levam uma pessoa (feminina ou masculina) a escolher ser médico(a), engenheiro(a), administrador(a), enfim, quaisquer outras áreas, então, por que caberiam na docência tais questionamentos? Essas perguntas tendem a ser esclarecidas em outros estudos sobre o tema proposto.

7 Considerações finais

Muitas são as justificativas para desenvolvermos reflexões sobre o gênero na docência, principalmente no que tange sobre a feminização do magistério e a baixa procura masculina nos anos iniciais e finais do ensino Fundamental. Porém, enquanto pesquisadoras, acreditamos na importância do redirecionamento do olhar sobre a temática, assim como para a construção de uma identidade profissional que não se atenha ao gênero, mas na profissionalização e no desenvolvimento competente dessa atividade.

No decorrer deste estudo foi abordada a caminhada constitutiva do magistério, justificando, de certa forma, a presença feminina em grande maioria, porém, a docência é um mercado de trabalho como outro qualquer, não cabendo questionamentos dos motivos que levam um homem a escolher o exercício da profissão, assim como sua exclusão deste exercício. A pesquisa propiciou que constatássemos, a partir da visibilidade dos números indicados, a baixa procura do gênero na profissão, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Ao trazermos os dados para reflexão, o intuito não é de confrontar estudos e tendências feministas, mas refletir sobre os processos excludentes, assim como desmistificar o caráter materno associado por muitos quanto à escolha feminina para o exercício da profissão. Deve-se levar em conta que como toda a profissão, o magistério requer preparo, estudos e formação, como qualquer outra profissão.

Significativas mudanças foram ocorrendo na sociedade e nos cenários educacionais, todas, de certa forma, ligam-se às carreiras e às profissões. As antigas representações, advindas de

todo o curso da profissão também perpassaram por mudanças, porém, a problemática da feminização, assim como a falta de espaços reflexivos sobre a importância da figura masculina na atuação não foram propiciadas, já que a imagem masculina sempre esteve ligada a desafios, conflitos e embates.

Consideramos importante uma continuidade reflexiva a partir do gênero na docência, assim como nas mais diversas esferas profissionais. Não há normas diante ao gênero para assumir/exercer determinada profissão, o que se faz relevante é despertar o interesse de professores e professoras para a discussão, reflexão e problematização dos discursos que se instauraram na profissão. As vozes masculinas também necessitam ser ouvidas nesses estudos, nem que seja em um espaço de pesquisa, para que os estereótipos de gênero percam a força excludente e transformem-se em formas de constituição profissional.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Vozes masculinas numa profissão feminina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Versos, 2015.

CUNHA, Amélia T. B. da. **Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil**. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2974/824> - Acesso em 09/09/2020

LIMA, Cintia Lúcia de; ALEXANDRINO, Daniela Fantoni de Lima. **Trajetória do sistema educacional através das configurações da profissão docente no Brasil**. Cadernos de História da Educação – v.11, n. 2 – jul./dez. 2012 Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21701> - Acesso em 08/09/2020

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

RABELO, Amanda. **Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro – Brasil e Aveiro – Portugal**. Educar em revista, Curitiba, Brasil, Web Revista Linguagem, Educação e Memória. ISSN: 2237-8332 | N.22 | V.1 | 2024 – e5644 <https://doi.org/10.61389/wrlcm.v1i22.5644>

n.48, p. 207-234, abr./jun. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000200013&script=sci_abstract&tlng=pt – Acesso em 09/09/2020

RUIS, F.F.; PEREZ, M.C.A. **Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil**: um entrelaçamento de vozes. (Dissertação) Faculdade de Ciências e Letras. Universidade estadual Paulista. Araraquara, 2017.

SILVA, Gilso Pereira da; ISSLER, Márcio. **Relações de gênero e a docência masculina**. 1º Seminário Regional PROESDE/LICENCIATURA. Lajes, Santa Catarina, 2015. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/pibidsul/23140-RELACOES-DE-GENERO-E-A-DOCENCIA-MASCULINA Acesso em 25/10/2020.

SCOTTI, Fernanda Ferrari Ruis; PEREZ, Marcia Cristina Argenti; BELLIDO, Luciane Ponce. **Ser professor na educação infantil**: gênero e docência. Revista Ibero-Americana de estudos em Educação, Araraquara, v.14, n. esp. 2, p. 1569-1579.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos Pagu (17/18) 2001/02. Pp. 81-103. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf> - Acesso em 08/09/2020